

As significações do texto coletivo no processo alfabetizador de jovens e adultos do Cedep/Paranoá e Itapoã – UnB

Renato Hilário dos Reis
Maria Clarisse Vieira
Guilherme Veiga Rios
(organizadores)





Universidade de Brasília

**Reitora
Vice-Reitor**

Márcia Abrahão Moura
Enrique Huelva

EDITORA



UnB



UnB | BCE

**Diretora da Editora
UnB**

Germana Henriques Pereira

**Diretor da Biblioteca
Central**

Fernando César Lima Leite

**Comissão de
Avaliação e Seleção**

Alex Calheiros
Ana Alethéa de Melo César Osório
Ana Flávia Lucas de Faria Kama
Ariuska Karla Barbosa Amorim
Camilo Negri
Evangelos Dimitrios Christakou
Fernando César Lima Leite
Maria da Glória Magalhães
Maria Lídia Bueno Fernandes
Moisés Villamil Balestro

**As significações do texto
coletivo no processo
alfabetizador de jovens e
adultos do Cedep/Paranoá e
Itapoã – UnB**

Renato Hilário dos Reis
Maria Clarisse Vieira
Guilherme Veiga Rios
(organizadores)



EDITORA



UnB

Coordenadora de produção editorial
Projeto gráfico e capa
Diagramação

Equipe editorial

Luciana Lins Camello Galvão
Wladimir de Andrade Oliveira
Ruthléa Eliennai Dias do Nascimento

Portal de Livros Digitais da UnB
Coordenadoria de Gestão da Informação Digital

Telefone: (61) 3107-2687

Site: <http://livros.unb.br>

E-mail: portaldelivros@bce.unb.br



Este trabalho está licenciado com
uma licença Creative Commons [Atribuição-
NãoComercial-Compartilha Igual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília

S578 As significações do texto coletivo no processo alfabetizador de jovens e adultos do Cedep/Paranoá e Itapoã – UnB [recurso eletrônico] / Renato Hilário dos Reis, Maria Clárisse Vieira, Guilherme Veiga Rios (organizadores). Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2020.
147 p.

Inclui bibliografia.

Formato PDF.

ISBN 978-65-5846-022-0 (e-book).

1. Educação de jovens e adultos. 2. Idosos - Educação. 3. Trabalhadores - Educação. I. Reis, Renato Hilário dos (org.). II. Vieira, Maria Clárisse (org.). III. Rios, Guilherme Veiga (org.).

CDU 376

SUMÁRIO

	PREFÁCIO	10
	DIALOGANDO COM O CAPÍTULO I	12
	CAPÍTULO I	16
O texto coletivo como instrumento político-pedagógico		
	DIALOGANDO COM O CAPÍTULO II	30
	CAPÍTULO II	33
Procedimentos metodológicos: o caminho percorrido		
	DIALOGANDO COM O CAPÍTULO III	54
	CAPÍTULO III	57
Análise das experiências e resultados		
	DIALOGANDO COM O CAPÍTULO IV	117

CAPÍTULO IV
Considerações finais **124**

REFERÊNCIAS **137**

SOBRE OS AUTORES **139**

Autoria: Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos Históricos Culturais (Genpex)

Relação de autores e autoras:

Renato Hilário dos Reis – Coordenador-pesquisador;

Ângela Dumont Teixeira - Pesquisadora;

Janaina Segatto Menezes – Pesquisadora;

Marina de Santana Corrêa – Pesquisadora;

Wagner Pereira da Silva – Pesquisador;

Eva Lopes Sampaio – Alfabetizadora – Cedep/Paranoá;

Dione Mascena de Matos- Alfabetizadora – Cedep/Paranoá;

Eliane Pereira da Silva - Alfabetizadora – Cedep/Itapoã;

Educandos(as) - Cedep/Itapoã;

Maria Creuza Evangelista de Aquino – Coordenadora Cedep/Itapoã;

Maria de Lourdes Pereira dos Santos – Coordenadora Cedep/Itapoã;

Thiago Oliveira Nunes – Pesquisador;

Betania Oliveira Barroso – Pesquisadora;

Nirce Barbosa Castro Ferreira – Pesquisadora;

Vânia Olaria – Pesquisadora;

Julieta Borges Lemes Sobral – Pesquisadora;

Ingrid Morais Gibbons Prahll – Pesquisadora;

Francinete Sousa da Silva – Pesquisadora;

Cléssia Santos – Pesquisadora;

Maria Clarisse Vieira – Pesquisadora;

Bruna Ferraz – Pesquisadora;

Sttela Pimenta Viana – Pesquisadora;

Luciana de Oliveira Pinto – Pesquisadora.

O Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos Históricos Culturais (Genpex), tendo em vista cultura própria de escrita, em consenso, optou pela utilização do gênero feminino em toda a construção textual.

Considerações finais

A análise, a interpretação do texto, a produção de sentidos, não são formas não científicas de conhecimento, mas formas científicas diferentes de conhecimento. E fazer ciência, demonstra Vygotsky, é analisar, interpretar, tentar buscar a essência dos fenômenos que não se confunde com a impressão dada pelos sentidos (REIS, 2011, p. 140).

A narrativa que fazemos nesse final da pesquisa apresenta a tentativa de sistematizar a descoberta aproximada da essência dos fenômenos (ciência), conforme destaca a epígrafe. A partir da elaboração narrativa à luz da matriz analítica prática utilizada nessa pesquisa, retomamos cada pergunta das entrevistas e apresentamos o resultado sintético das respostas obtidas, desenvolvidas via escuta elaborante pelas pesquisadoras.

Pergunta 1:

Como você compreende o texto coletivo utilizado no processo alfabetizador do Cedep/UnB – Paranoá/Itapoã:

- É uma elaboração pessoal. É uma autoria própria da educanda que expressa a constituição de sua autonomia como sujeito (educanda 1).

- É inicialmente um texto coletivo oral que vai se tornando texto coletivo escrito elaborado pela educanda e conjunto de educandas. É escrito segundo a maneira como se pronuncia (norma popular) e como se escreve (norma oficial), apresentando as semelhanças e diferenças entre o falar e o escrever (educanda 2).
- O texto coletivo oral/escrito permite o desenvolvimento da escuta e fala elaborantes (diálogo) no e das educandas bem como a apropriação e produção de novos conhecimentos, simultaneamente transformadores de si mesmos e de suas relações sociais (educanda 3).
- São diálogos (escuta e fala elaborantes) de vida e existência entre e com as educandas, alfabetizadoras, professoras e estudantes da UnB. Constitui-se como momento singular de participação da educanda e, como tal, do exercício de dessilenciamento (perda do seu medo de ser) (educanda 4).
- Desenvolvimento de um currículo dialógico, superando a lógica do currículo tradicional (Eliane).
- Ênfase e foco no texto coletivo oral/escrito elaborado com as educandas, como eixo do processo alfabetizador, minimizando a utilização exclusiva de atividades pré definidas em livros, manuais e publicações (Eliane).
- A situação-problema-desafio como base material da produção do texto coletivo oral/escrito, a partir dos desafios colocados à existência e sobrevivência de educandas e alfabetizadoras (Dione).
- A ocorrência de um prazer subjetivo da educanda quando da elaboração do texto coletivo oral/escrito (Eva).
- A educanda ressignifica sua autoimagem reconhecendo-se como ser que escuta, existe, pensa, sente e faz (Eva).

- Inserção da educanda na vida coletiva das moradoras do Paranoá/Itapoã, como contribuição à melhoria das suas condições de vida (Eva).
- Centralidade da educanda como sujeita que aprende e ensina e do seu saber historicamente acumulado, rompendo uma perspectiva autoritária de educação (Eva).

Pergunta 2:

Nessa pesquisa, em relação aos passos/etapas do processo de elaboração do texto coletivo, chegamos às seguintes conclusões:

- **Acolhimento:** superação do medo e do constrangimento inicial com que chegam as educandas. Conhecer cada pessoa pelo nome, a história do nome. A história de onde veio do Brasil ou onde nasceu? Em Brasília, em que lugares já morou? Há quanto tempo no Paranoá/Itapoã? Qual é sua ocupação? Por que voltou a estudar? Conte sua história no Paranoá/Itapoã. Atentar para que cada educanda escute o outro, desenvolvendo sua capacidade de falar e escutar (aprendizado do diálogo). Ter o respeito dos outros que o escutam. Considerar os ritmos, a velocidade, às vezes vagarosa e outras vezes muito rápida, das educandas no seu processo de superação do medo de falar, do medo de escrever, do medo de estar em um ambiente que inicialmente lhes constrange. Pode-se ir devagar, seguindo o ritmo de aprendizado da turma de educandas.
- **Pergunta/dialogia entre/com a alfabetizadora e educanda:** que conquistas obtidas pela população do Paranoá/Itapoã? Que conquistas afetivas-amorosas, sociais, culturais, econômicas (situação-problema-desafio) você julga que podem ser obtidas

pela população do Paranoá/Itapoá? Escreva, começando da conquista mais urgente à menos urgente. A alfabetizadora registra no quadro/cartolina/álbum seriado/caderno as conquistas necessárias e mais urgentes. Depois pede a cada educanda para defender sua conquista mais urgente, para que seja escolhida pela sala. Depois de colocadas todas as conquistas mais urgentes, é feita uma votação por maioria simples (50% +1). Prepara-se, com a turma, a defesa, no fórum, da situação-problema-desafio mais votada. Definida a situação-problema-desafio, debate-se com a turma de educandas uma primeira aproximação do que poderia ser feito em nível de mobilização e organização das educandas alfabetizadoras, dirigentes do movimento popular do Paranoá/Itapoá, visando sua superação.

- Ao elaborar o texto coletivo oral/escrito, a alfabetizadora coloca a palavra no quadro/cartolina/álbum seriado, tal como se pronuncia: texto coletivo oral (terremotu) e ao lado, tal como se escreve: texto coletivo escrito (terremoto), permitindo que a educanda perceba a diferença entre a maneira que se fala e a maneira que se escreve. Exemplo da alfabetizadora Eva: terremotu/terremoto.
- Passa-se, então, à leitura conjunta do texto coletivo escrito, para se perceber o todo do texto. A alfabetizadora anima a turma a pronunciar as sílabas, palavras, frases, períodos, chamando atenção das educandas para a diferença entre como se escreve e como se lê a palavra. Esse momento é muito importante no processo de dessilenciamento da educanda que, com o apoio da alfabetizadora e das colegas educandas, começa a perder o medo de falar, o medo de se expor, o medo de errar e ganha coragem de expressar, não só as palavras, mas todo o seu ser.

- Comentário das educandas sobre o texto coletivo oral/escrito (texto). Nesse momento, a alfabetizadora conversa com as educandas perguntando-lhes o sentido do texto coletivo escrito, quando cada uma/um expressa seu entendimento. Portanto, a significação de cada educanda em relação ao texto coletivo escrito, junto com a interpretação que a/o alfabetizadora/alfabetizador vai desenvolvendo com elas/eles em nível de diálogo/perguntas/respostas, resulta na compreensão individual/coletiva da mensagem do texto. NB: esse momento permeia todo o processo alfabetizador.
- Dando sequência ao processo de dessilenciamento e do fortalecimento do aprendizado da leitura e da escrita, desenvolve-se a leitura em dupla do texto coletivo escrito, em que uma educanda apoia a outra. Ela é introduzida com naturalidade/espontaneidade da leitura individual, que vem logo a seguir.
- Leitura individual do texto coletivo escrito. É um momento de muita atenção da alfabetizadora e das educandas para com aquela que está lendo o texto. Cada ser humano presente na sala de aula vai desenvolver, de forma mais profunda, sua capacidade de escutar a colega e sobretudo, animá-la, dar-lhe forças, incentivo, para que ela supere as possíveis dificuldades com as sílabas, palavras e frases. É fundamental que seja celebrado cada avanço e cada acerto da educanda.
- Tendo posto no quadro/cartolina/álbum seriado o texto coletivo escrito oriundo do texto coletivo oral, a alfabetizadora faz a ligação/relação do texto coletivo escrito com as noções de língua materna, linguagem matemática, linguagem das ciências, linguagem das artes, linguagem da história, linguagem da geografia, linguagem da informática (internet), dentre outras,

segundo o estabelecido para cada nível (iniciante, intermediário e concluinte). Após a construção do texto coletivo escrito das educandas poderá se recorrer a outros materiais didáticos para complementar a introdução das várias linguagens no processo alfabetizador (exemplo: livros, mapas geográficos, mapas históricos, poesia, jograis, dramatizações, jogos, dados estatísticos, artigos, dentre outros textos)

- Quando da conclusão de cada texto coletivo oral/escrito colocar o nome completo de cada educanda e da alfabetizadora, nível (iniciante, intermediário e concluinte), com identificação para contatos posteriores.
- Fórum (Encontro de Convivência e Aprendizagem Coletiva): encontro/aula coletiva com todas as educandas, alfabetizadoras, coordenadoras, dirigentes populares, estudantes, técnicas e professoras da UnB. Acolhimento das participantes, apresentação, análise, discussão (defesa de posição) da situação-problema-desafio de cada turma. Escolha/eleição por maioria simples (50% + 1) da situação problema-desafio que será o eixo norteador do processo educativo/alfabetizador, que pode ser mensal, bimestral, trimestral ou, preferencialmente, semestral.

Pergunta 3

Dê exemplos de textos coletivos já utilizados ou em elaboração em sala de aula:

1 “Causas da seca. Os alfabetizados falaram: desmatamento, outros, localização, dependendo do lugar, a falta de chuva, causas naturais. Problemas que a seca causa: fome, morte dos animais, doenças,

sede, desemprego, migração. Como combater a seca: construção de cisterna, transposição do Rio São Francisco.”

2 “O Itapoã era chamado de “Itapoeira”, porque não tinha asfalto, não tinha água e nem luz. Na seca tinha muita poeira causando muitas doenças, como: asma, sinusite e problemas nasais”.

3 Texto coletivo no Itapoã, 17 de abril de 2013: “Há vinte anos trabalho na empresa e não assino carteira. Pedro (nome fictício) teve um acidente de trabalho e não recebeu pelos dias que faltou”.

4 “Paranoá, 18 de julho de 2012.

Escola Classe 01 do Paranoá

Professora: Dione Mascena de Matos

Aniversário de Brasília

Juscelino foi o fundador da cidade. Brasília completará 52 anos dia 21 de abril de 2012. Trabalharam na construção gente vinda de todos os estados, por isso a comida na cidade é bem variada. Seus problemas mais urgentes são: transporte, saúde, educação e segurança. Os seus pontos turísticos que os alunos mais gostam são: o Lago Paranoá, Congresso Nacional, Torre de TV, Conjunto Nacional, Memorial e Ponte JK”.

5 A chuva

“A chuva na cidade começa em outubro. Ela é importante para molhar a terra, a plantação e para higiene pessoal. As primeiras chuvas em Brasília causam muitos engarrafamentos, acidentes de trânsito e alagamentos. O lixo que as pessoas jogam nas ruas vão para as bocas de lobo causando as enchentes e os alagamentos”.

6 Escola

“A escola é muito precária: sem professores, segurança e materiais. Os professores não são qualificados para ensinar com amor e carinho. Devemos conhecer a escola que nossos filhos estão estudando. Há tanta coisa acontecendo nas escolas que devemos acompanhar nossos filhos para protegê-los de tanta violência”.

Pergunta 4

Mostre a utilização dos textos coletivos no aprendizado das educandas em nível de uma das linguagens: língua portuguesa, linguagem matemática, linguagem da história, linguagem da geografia, linguagem da ciência, linguagem da informática, linguagem das artes entre outras:

- O texto coletivo oral/escrito elaborado pelas educandas, como eixo aglutinador das várias áreas do conhecimento, das diversas linguagens, viabiliza a interdisciplinaridade.
- Na educação de jovens e adultos do Paranoá/Itapoã não se separa as várias áreas do conhecimento, elas são integradas ou articuladas em função da situação-problema-desafio escolhida pelas educandas, que indicam as condições da base material de vida delas e deles. Ao trabalhar essa base material, identifica-se e exercita-se a superação dos problemas enfrentados pelas educandas, com a decorrente melhoria da condição de sua vida individual e coletiva.
- Diferentes linguagens contextualizadas as condições de existência e vida das educandas. Exemplo: Linguagem matemática, a partir da contagem das carteiras no pátio da escola. Melhoria das condições de vida dos idosos com isenção do IPTU e desconto na conta de água.

- Utilização de gráficos para identificação e resolução de problemas ligados as condições de vida das educandas, como um dos processos de aprendizagem da matemática.
- A relação do texto coletivo escrito com a linguagem materna e matemática, como ponto de partida para a decomposição e contagem de letras, sílabas e palavras.
- Trabalho interdisciplinar ancorado no cotidiano com articulação nas linguagens: Linguagem materna, linguagem matemática, linguagem da geografia, linguagem da história, linguagem das ciências, linguagem da arte, linguagem da informática, a partir do texto coletivo.
- Uso de mapas e medidas para exemplificar a utilização das linguagens da geografia, matemática e história: Onde nasci? Distância entre o estado que nasci e o DF. Metragem e história do Lago Paranoá, da cidade Paranoá. O que lembro? De onde vim? Como era minha terra: outras lembranças que trago, poesias do local e da região.
- Em se tratando da linguagem da ciência, enfoca-se a promoção da saúde, da vida saudável e a prevenção do uso de drogas (Ex.: álcool).
- Trabalha-se a língua portuguesa, a partir da escrita espontânea, da problematização e da interpretação do texto coletivo oral/escrito, referenciado nas situações-problemas-desafios.
- A linguagem da informática como espaço da pesquisa de outras linguagens via internet.
- A linguagem da história e da geografia trabalhada a partir do lugar de moradia, trabalho e história de vida da educanda e de sua cidade.

- Há uma luta histórica dos moradores do Paranoá pela conquista de sua moradia e outros bens de serviço. Esse acontecimento permite situar a linguagem da história, da geografia e a língua materna.

Pergunta 5

A partir da sua experiência, o que você sugere como aprimoramento da utilização do texto coletivo no processo alfabetizador da Cedep/UnB no Paranoá/Itapoã?:

- Continuar desenvolvendo a educação/alfabetização de jovens e adultos do Paranoá/Itapoã a partir dos textos coletivos orais e escritos, individual e coletivamente, com identificação e superação de uma situação-problema-desafio.
- Introduzir na formação inicial e continuada a pesquisa prático, de relação dialética teoria-prática, transformante do cotidiano dos sujeitos (educandas, alfabetizadoras, dirigentes do movimento popular, professoras, estudantes da UnB e outras) e da realidade em que vivem e convivem.
- Fortalecer no coletivo o dessilenciamento do Ser (fala e escuta elaborantes como produção de saber, exercício de poder e como acolhida de si e da outra), com estratégia de superação do medo de falar, de ouvir, escrever e ser da educanda.
- “[...] a descoberta do acolhimento, do ser acolhido, de ter direito a si mesmo sem ser rejeitado, sem ter medo de sê-lo. A possibilidade de falar e expressar seu sentir, seja dor, alegria, daquilo que o aflige no cotidiano: família, casa, emprego, rua. Aquilo que o aflige em si mesmo. Mas tendo alguém para partilhar e compartilhar. Ouvir. Acolher. Dar atenção. Contar sua história e trajetória. Rir de si mesmo. Rir com o outro. Brincar consigo e com o

outro. Ser. Dar oportunidades ao outro de rir com seus “causos”, coisas, histórias trágicas e alegres. Enfim, “um mundo de cultura, historicamente produzida e acumulada, que passa pelo cantar, desenho, conto, poesia, repente, improviso, cordel, histórias de avós, pais e entre gerações” (REIS, 2011, p. 72).

- A ressignificação da importância de produzir/sistematizar e socializar o trabalho político-pedagógico que se configura enquanto política pública de educação de jovens e adultos, desenvolvida pelo Cedep/UnB no Paranoá/Itapoã, ao longo das últimas três décadas.
- A nossa experiência neste processo de pesquisa coletiva permitiu identificar e estabelecer a singularidade do que é texto coletivo oral e texto coletivo escrito na educação/alfabetização de jovens e adultos.
- Estabelecer uma relação orgânica de aprendizagem e desenvolvimento humano (amor-poder-saber) entre o texto coletivo oral e escrito, as diferentes linguagens e os níveis iniciante, intermediário e concluinte da educação/alfabetização de jovens e adultos do Paranoá e Itapoã.
- O diálogo (escuta-fala elaborantes, como ação transformadora) como possibilidade de um processo de escolha e decisão individual e coletiva pelas educandas de uma situação-problema-desafio, com seus encaminhamentos de superação.
- Elaboração de perguntas como parte da elaboração do texto coletivo oral/escrito. A palavra própria (BAKHTIN, 1992) da educanda é a centralidade do processo alfabetizador de jovens e adultos do Paranoá/Itapoã – Cedep/UnB. A palavra alheia (livros, publicações escolhidas *a priori*) (BAKHTIN, 1992) é fortalecimento da palavra própria e não o meio exclusivo da alfabetização.

- Organizar e distribuir as educandas, segundo turmas iniciantes, intermediárias e concluintes, a partir de sondagem feita pelas coordenadoras, alfabetizadoras, dirigentes do movimento popular, professoras e estudantes da UnB. Dentro de uma periodicidade estabelecida, outras sondagens poderão ser feitas, possibilitando a realocação das educandas, de turma iniciante para intermediária e concluinte, ou de turma intermediária para concluinte.
- Atender aos ritmos das educandas, mantendo a calma e a tranquilidade ao longo do processo de elaboração do texto coletivo oral/escrito, sem apressar e/ou forçar sua conclusão no mesmo dia.
- A sistematização da práxis alfabetizadora que cada uma registra em seu Diário de Itinerância individual, se torna um material coletivo como recurso didático pedagógico utilizado nas reuniões (fórum de avaliação e planejamento por escola e turma) de elaboração dos planejamentos pedagógicos, planos de cursos, planos das várias linguagens e planos de aulas.
- Exercitação da superação das situações-problemas-desafios, identificadas no momento de diálogo (escuta/fala e fala/escuta) entre alfabetizadoras, educandas na sala de aula, na aula ampliada (fórum), em suas relações sociais (em igrejas, partidos, sindicatos, emprego, família, vizinhos entre outros) e quando da análise e encaminhamento da melhoria das condições de vida dos moradores.
- Manter uma perspectiva de constituição de ser humano, permeada de amor (desenvolvimento da capacidade de acolher e ser acolhido), poder (desenvolvimento da capacidade de exercer poder) e saber (desenvolvimento da capacidade de produzir conhecimento), nas relações sociais dialógico-dialéticas entre e

com as participantes do processo alfabetizador de jovens adultos do Paranoá/Itapoã.

- Desenvolver não só um dessilenciamento cultural, ou seja, adquirido, mas também os dessilenciamentos biológicos, nos quais a ação pedagógica educativa, além de ser do desenvolvimento e exercitação em e de relações sociais dessilenciadoras, elas também o são da simultaneidade de um acompanhamento bioneuropsíquico da educanda jovem e adulta.

Essas cinco perguntas e suas respectivas respostas evidenciam a importância do processo alfabetizador de jovens e adultas do Paranoá/Itapoã – Cedep/UnB, particularmente a significação que a elaboração coletiva do texto coletivo tem no processo de constituição humana-existencial da educanda e sua inserção no processo transformador da sociedade a partir de suas relações sociais micro.

Outros componentes do processo alfabetizador UnB/Cedep, demandam a necessidade de se dar continuidade a essa pesquisa, podendo-se citar o que diz respeito às funções de memória, atenção, pensamento, linguagem, entre outros aspectos de constituição do ser humano, considerando sua condição de sujeito de amor (o que acolhe e é acolhido), poder (exercício de decisão em nível micro e macro) e saber (produção de conhecimento como melhoria de condição de vida coletiva).